

POR QUE FALAR DE SACRIFÍCIO?

Telmo José Amaral de Figueiredo

Resumo

O artigo tem como escopo apresentar a perspectiva hermenêutica deste número da revista. A intenção deste número de Estudos Bíblicos é, justamente, discernir que tipo de sacrifício é, de fato, agradável a Deus na perspectiva bíblica e quais seriam aqueles rejeitados por ele. Para isso, parte-se dos resultados mais expressivos da pesquisa antropológica sobre o sacrifício, fixando-se mais na teoria mimética de René Girard, a qual, apesar de suas limitações, é uma das mais apropriadas para se entender o sacrifício de Jesus que não poderia receber essa denominação, pois opera uma completa mudança no sentido do sacrifício. Jesus é a vítima única e perfeita, pois realiza uma autodoação de sua vida, é consciente da injustiça cometida em sua vitimização. O seu sacrifício tem repercussão na ética de cada uma de suas comunidades de seguidores.

Palavras-chave: *Sacrifício. Vítima. Bode expiatório. Autodoação. Culto verdadeiro.*

Abstract

The article has the scope of presenting the hermeneutical perspective of this magazine edition. The intention of this number of Biblical Studies is exactly distinguish which kind of sacrifice is really pleasant to God in the biblical perspective and which ones are rejected by him. To do that, we start from the most expressive results from the anthropologic research about the sacrifice, connected to the mimetic theory from René Girard, which despite its limitations is one of the most suitable ones to understand Jesus' sacrifice, which could not receive this name, because it makes a complete change in the meaning of sacrifice. Jesus is the only and perfect victim, because he makes a self donation of his life, being conscious of the injustice occurred in his victimization. His sacrifice has repercussion in the ethics from each of his followers' communities.

Keywords: *Sacrifice. Victim. Scapegoat. Self-giving. Cult.*

Os leitores habituados a acompanhar na revista *Estudos Bíblicos*, talvez se perguntem pelo motivo deste tema do sacrifício no presente número coordenado e produzido pelo grupo das Minas Gerais.

O sacrifício, no entanto, encontra-se no centro de todas as religiões do mundo, desde as formas mais elementares até as mais sofisticadas. Praticamente, não há uma só expressão religiosa que não adote alguma forma de sacrifício.

Somente a título de exemplo, se tomarmos as quatorze orações eucarísticas do Missal Romano adotado no Brasil pela Igreja Católica, encontraremos vinte e uma vezes a palavra “sacrifício”. Em apenas três delas (Oração Eucarística II, V e IX) a palavra não ocorre nenhuma vez.

Entretanto, o sacrifício apresenta várias facetas e formas, podendo ser oferta de alimentos, flores, danças, animais e, em alguns momentos da história da civilização, oferta de seres humanos. Nos dias de hoje, inclusive, tem surgido muito frequentemente formas monetárias de sacrifício! Justamente, certas denominações religiosas neopentecostais insistem muito na oferta de dinheiro como modo para obter favores, benefícios e milagres sejam físicos ou espirituais, materiais ou morais, por parte de Deus. Uma relação de troca é evidenciada nesse tipo de expressão religiosa: se o indivíduo não tem parcimônia e oferta com generosidade o máximo que possui, mesmo que lhe venha a fazer falta no momento presente, essa pessoa será contemplada, futuramente, por bênçãos e graças igualmente generosas e abundantes de Deus.

Há, também, formas de sacrifícios típicas do catolicismo popular, tais como: fazer uma romaria até o santuário do(a) santo(a) que foi invocado(a) pedindo determinada graça; às vezes, tal romaria pode se dar a pé para incrementar mais o sacrifício; cortar o cabelo e/ou a barba; deixar os cabelos crescerem e permanecerem assim por um determinado período de tempo; abster-se de comer determinado alimento por certo tempo; distribuir em igrejas uma bênção ou oração do(a) santo(a) que foi invocado(a) a fim de se obter a graça almejada e assim por diante.

A intenção deste número de *Estudos Bíblicos* é, justamente, discernir que tipo de sacrifício é, de fato, agradável a Deus na perspectiva bíblica e quais seriam aqueles rejeitados por ele. O cristianismo apresentaria uma contribuição específica à prática sacrificial da humanidade? Ou, formulando a questão de modo diverso, o que seria próprio do sacrifício cristão, do sacrifício de Jesus?

Obviamente, não conseguiremos esgotar aqui esse vastíssimo e complexo tema! Propomo-nos, apenas, fornecer alguns *insights* para um retorno a esse tema sempre atual e fundamental do sacrifício.

1. Formas sacrificiais segundo a antropologia¹

Como afirmam acertadamente Mauss e Hubert, as “teorias do sacrifício são velhas como as religiões”². Um dos primeiros estudiosos a dedicar-se ao tema foi Edward Tylor (1832-1917), o qual defendeu a tese de que o sacrifício como um “dom” do homem aos deuses. O escopo do sacrifício está na obtenção de favores dos deuses. Posteriormente, com a evolução do ser humano, este ficou ciente da grande distância entre si e as divindades, o que fez o sacrifício tornar-se expressão de humildade e de renúncia dos desejos egoístas.

Em seguida, William Robertson Smith (1846-1894) discorda dessa abordagem do sacrifício como “dom”, e vê no sacrifício um instrumento para confirmar e renovar a unidade, os valores comuns e a solidariedade do grupo que oferecia o mesmo. Smith via como aspecto central do sacrifício a ingestão coletiva do totem³ pelo grupo de parentes. Com isso, “criava-se uma unidade de carne e sangue entre o grupo e o totem-divindade, bem como entre os membros do grupo”⁴.

Émile Durkheim (1858-1917) foi bastante influenciado por essa teoria de Smith. Para ele, os sacrifícios são dons dos devotos ao totem, isto é, os seres humanos dão aos seres sagrados um pouco do que recebem deles. Sendo que recebem dos seres divinos tudo o que dão. Outro antropólogo que se inspira na teoria de Robertson Smith é James Frazer (1854-1941). Em acordo com Edward Tylor, Frazer concorda que a “religião começa quando o ser humano rompe com uma concepção mágica de seu lugar no universo e percebe que seu bem-estar está nas mãos de seres superiores”⁵. Desse modo, os sacrifícios demonstram gratidão do ser humano aos seus deuses. A resposta divina ocorre por meio de boa saúde, paz e prosperidade.

Sigmund Freud (1856-1939) também é influenciado por Robertson Smith, mas vai além, no sentido de ver na refeição do totem o complexo de Édipo. Isso porque o grupo de parentesco ao comer em comum seu totem-animal “comemora seu ancestral que foi morto por seus antepassados por monopolizar o acesso às fêmeas do grupo. Matando agora o totem (ou seu substituto) de maneira controla-

1. Esta exposição do ponto de vista antropológico inspira-se, amplamente, em: SIMONSE, Simon. O sacrifício como agente inovador entre reciprocidade negativa e positiva. Uma perspectiva antropológica. *CONCILIUM – Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis (RJ): Vozes, n. 352, 2013/4, p. 34-40.

2. MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 9.

3. “Um totem ou tóteme é qualquer objeto, animal ou planta que seja cultuado como um símbolo ou ancestral de uma coletividade. A religião derivada do culto do totem é denominada totemismo. É em relação ao totem que as coisas são classificadas em sagradas ou profanas dentro da coletividade” (TOTEM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Totem&oldid=44498235>> . Acesso em: 26 fev. 2016).

4. SIMONSE, Simon. *Op. cit.*, p. 35.

5. *Ibidem*, p. 35.

da, a comunidade revive os turbulentos acontecimentos que foram a fonte de sua ordem social”⁶. Com essa explicação, Freud é o primeiro estudioso a perceber a violência como o componente-chave do sacrifício.

No entanto, dois discípulos de Durkheim, Marcel Mauss (1872-1950) e Henri Hubert (1872-1927), vão contra a tendência de Robertson Smith e seus seguidores. Inspirados pela separação entre sagrado e profano realizada pelo mestre Durkheim, Mauss e Hubert viam uma ambivalência no sagrado, o qual era, ao mesmo tempo, benéfico e perigoso. Por isso, o papel do sacrifício era realizar uma transformação entre sagrado e profano: “sacralização” (do estado profano ao sagrado) e “dessacralização” (do estado sagrado ao profano). Para eles, o lugar central no sacrifício é ocupado pela vítima. Segundo esses estudiosos, “depois de ser consagrada, ela liga o sagrado e o profano e canaliza o fluxo do sagrado de tal maneira que o compromisso moral dos que realizam o sacrifício é reforçado”⁷. Quando uma situação moral dos sacrificantes passa para a vítima que é oferecida, possibilitando o retorno dele à normalidade, esse sacrifício é conhecido por ser “dessacralizante”.

Um antropólogo inglês, Edward Evan Evans-Pritchard (1902-1973), discordou, de certo modo, da teoria anterior, pois ao estudar e conviver com os Nuer, uma etnia ao sul do Sudão, na África, ele constatou que o sacrifício não tinha tanto a intenção de trazer o deus para próximo ao seu povo, mas afastá-lo, mantê-lo a distância. O sacrifício de um animal, quando há uma calamidade, é para que deus se afaste. Assim, não é tanto a “comunhão” que se estabelece com o sacrifício, mas o “dom”, como já se viu em Edward Tylor.

2. Uma tentativa filosófica de síntese

Por fim, um filósofo, historiador e filólogo francês, mas que se dedicou ao ensino e pesquisa em Stanford, nos Estados Unidos, René Girard (1923-2015), formulou uma teoria que pode sintetizar todas as anteriormente apresentadas aqui. Ele vai diretamente à questão da violência que Freud e Hubert/Mauss já haviam observado como fundamental no sacrifício. Para Girard, a origem e o motor da cultura humana é o “mecanismo vitimário”⁸. A humanidade conseguiu controlar seu forte instinto violento por meio da “vítima substituta”, isto é, o “bode expiatório” na linguagem girardiana. Como o ser humano sempre teve uma propensão à violência, e isto é uma ameaça à sobrevivência de sua espécie, essa violência é canalizada e ordenada por meio do sacrifício. Expondo com mais clareza:

6. *Ibidem*, p. 36.

7. *Ibidem*, p. 37.

8. ANTONELLO, Pierpaolo. Apresentação. In: GIRARD, René. *O sacrifício*. Trad. Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 14.

Existe uma solução para este cenário de perdição: quando a onipresente hostilidade que está buscando saídas é descarregada contra uma única vítima. No momento em que todos enfrentam um só, quando a agressividade represada é lançada sobre a vítima, é descoberta uma nova unanimidade. O “rompimento” da paz é associado com a vítima que provocou a mudança. De objeto repugnante a vítima se transforma num objeto de veneração⁹.

Esse é o denominado mecanismo do “bode expiatório”¹⁰. Desse modo, o sacrifício nada mais é do que uma representação ritual na qual a discórdia do grupo é transferida para uma vítima, a qual pode ser um membro do grupo ou outro substituto. A discórdia é diluída pela morte dessa vítima, o que possibilita um recomeço devido a purificação do caráter vingativo.

Uma teoria que vem corroborar esta de Girard é aquela de Walter Burkert (1931-2015), estudioso alemão de mitologia grega e cultos antigos. Burkert ao analisar as práticas sacrificais dos antigos gregos e outros povos do mundo antigo, acaba formulando a teoria de que a origem do sacrifício e da hominização pode estar na caçada coletiva durante a qual as tensões existentes entre os membros do grupo de caçadores eram redirecionadas para sua presa¹¹.

Portanto, segundo a teoria de Girard, a função do sacrifício é proteger a comunidade de sua própria violência. Há diversos tipos de rituais sacrificais, cada um deles “capta, afasta e neutraliza algumas das muitas sementes de discórdia violenta. Juntos, eles asseguram uma espécie de processo metabólico no qual a violência é afastada da comunidade... transformada num sentido de meta comum”¹².

Será o cristianismo que transformará, segundo Girard, esse processo de vitimização para a canalização da violência. Há um processo de “dessacralização antivitimária imposto pela tradição judaico-cristã”¹³. Ocorre, assim, um processo de lenta libertação da cultura humana de suas raízes violentas. Para Girard, “Deus se faz de vítima para libertar o homem da ilusão do Deus violento, que deve ser

9. SIMONSE, Simon. *Op. cit.*, p. 38.

10. Para uma exposição mais ampla e aprofundada desse tema capital em Girard, recomenda-se a leitura de: GIRARD, René. *O bode expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. 1. ed. reimp. São Paulo: Paulus, 2014.

11. Essa tese, bem como, toda a base de sua pesquisa pode ser encontrada em: BURKERT, Walter. *Homo Ne-cans: the anthropology of Ancient Greek sacrificial ritual and myth*. Trad. Peter Bing. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1983. Um colóquio entre Girard e Burkert foi organizado sobre esse assunto, o resultado encontra-se coligido em: HAMERTON-KELLY, Robert G. (Ed.). *Violent origins. Walter Burkert, René Girard, and Jonathan Z. Smith on ritual killing and cultural formation*. Stanford (CA): Stanford University Press, 1987.

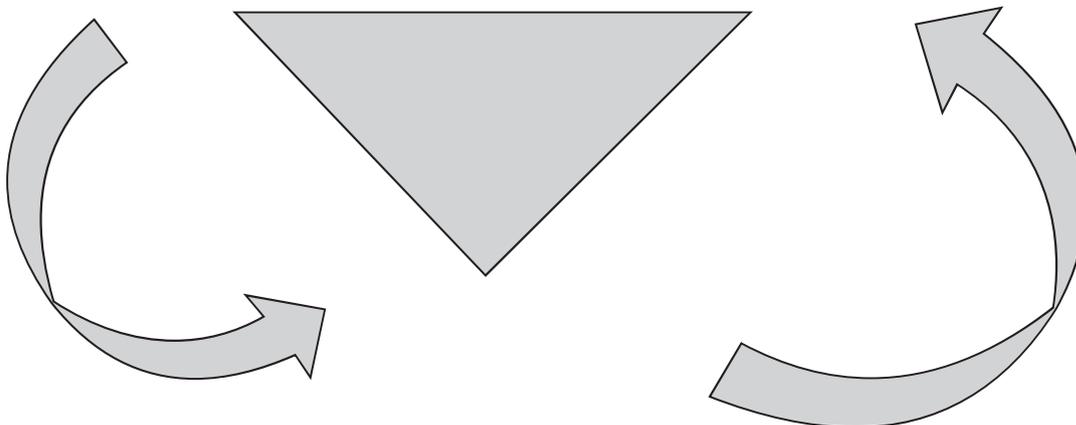
12. SIMONSE, Simon. *Op. cit.*, p. 43.

13. ANTONELLO, Pierpaolo. *Op. cit.*, p. 11.

substituído em favor da consciência de que Cristo tem do seu pai”¹⁴. É claro que, com isso, o cristianismo não rejeitou em bloco o passado mítico e sacrificial da humanidade, mas o “reinterpreta, integrando-o a nível simbólico, sobretudo em relação ao princípio que está na base do religioso: o sacrifício da vítima inocente [a Eucaristia]”¹⁵.

Girard ao examinar a crucificação de Jesus, vê nesses relatos muito de sua teoria mimética. Por mimetismo (imitação), Girard entendia que os seres humanos sempre desejam aquilo que outros humanos que eles estimam desejam, por isso, os imitam. O sucesso, as coisas boas que enxergamos nos outros suscitam em nós a vontade, o desejo de sermos como essas pessoas que consideramos bem-sucedidas. É uma espécie de contágio que nosso desejo sofre a partir de outras pessoas que valorizamos. Mas então nós somos fantoches sem liberdade? Poderíamos pensar, seguindo essa teoria de Girard. A resposta é não! Pois a imitação é a base da nossa capacidade de aprender, basta que pensemos nas crianças; sem a imitação não seria possível a transmissão da cultura, a aprendizagem de línguas e assim por diante. O ser humano é o que ele é porque atentamente imita seus semelhantes. Através do desejo mimético é que vem tudo do melhor ou do pior que existe no ser humano. Portanto, a imitação não é um processo passivo e despersonalizado, mas criativo. A teoria mimética de Girard supõe uma relação triangular entre o sujeito e o objeto:

SUJEITO DESEJANTE – OBJETO DESEJADO



MODELO (Mediador)

O sujeito, ser humano, normalmente deseja aquilo que é desejado por alguém que ele admira, pelo qual nutre um sentimento de forte ligação. Mas, se-

14. GIRARD, René. *O sacrifício*. Trad. Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 21.

15. ANTONELLO, Pierpaolo. *Op. cit.*, p. 20.

segundo Girard, é possível um desejo que não passe pelo “modelo/mediador” e vá diretamente ao seu destinatário. Esse é o caso do desejo “metafísico”.

Retornando ao relato da crucificação de Jesus, os evangelhos operam, segundo a análise de Girard, uma desmitificação e “desvitimização” porque não representa a violência unânime a partir do ponto de vista da multidão mitificada, representa-a tal como é na realidade. O relato não sublima nem esconde o contágio mimético e o vazio da acusação contra Jesus. O drama da paixão de Jesus é fruto da cegueira dos linchadores, uns influenciam os outros contra a sua vítima, compondo um quadro de violência coletiva¹⁶:

- Pedro, no pátio da casa do sumo sacerdote, imita a hostilidade contra Jesus que encontra naquele local, seguindo a atitude “politicamente correta” para a circunstância, acaba negando ser amigo dele ou conhecê-lo (Mc 14,66-72 e paralelos);
- a multidão é influenciada e imita seus líderes religiosos pedindo a condenação de Jesus e zombando-o assim como aqueles (Mc 15,11-15 e paralelos);

Pilatos, que não tem nada em comum com os judeus, acaba cedendo ao desejo da multidão, evitando uma possível revolta popular (Mc 15,15 e paralelos).

- os dois bandidos crucificados ao lado de Jesus – segundo o evangelho de Lucas, apenas um deles (Lc 23,39-43) – não se inibem e também zombam de Jesus, imitando a multidão.

Finalmente, Herodes. Jesus é levado perante esse outro líder, segundo o evangelho de Lucas (Lc 23,7-12). Observe-se que Pilatos e Herodes se tornam amigos a partir desse fato, selando, de modo mais evidente, a unanimidade dos atores da cena da paixão (Cf. Lc 23,12).

Portanto, é o mimetismo que reúne todos os participantes dessa cena. Afinal, uma das características do mecanismo da vítima como “bode expiatório” é a unanimidade. Todos contra um! Segundo Girard, a “multidão dissolve a diversidade na imitação, e é engolindo tudo o que está ao seu alcance que ela se constitui. A multidão é o buraco negro do mimetismo violento; é quando o mimetismo é mais denso que ela surge primeiramente”¹⁷.

No entanto, há algumas diferenças fundamentais nesse relato que o distanciam completamente da prática sacrificial que se observa nos demais povos e tradições analisados por Girard, vejamos:

- a) Nos mitos, o mimetismo não é evidente, necessita ser deduzido, é preciso adivinhar sua ação. Nos evangelhos ele é manifesto. Todos os persona-

16. Cf. GIRARD, René. *Op. cit.*, p. 97-103.

17. GIRARD, René. *Op. cit.*, p. 98.

gens e testemunhas da crucificação são hostis a Jesus ou vão se tornando assim em virtude do “contágio” entre si.

- b) O “bode expiatório” não aparece como tal nos mitos, do contrário, ele perderia sua credibilidade. Sendo “um princípio de ilusão”,¹⁸ na definição de Girard, sua eficácia exige uma ignorância completa a seu respeito. Ele somente é “bode expiatório” porque não se sabe que existe. Enquanto que, nos evangelhos, ao invés de esconder, o “bode expiatório”, no caso, Jesus, é mais evidente que todos os demais atores e domina toda a cena. Ao fazer isso, os relatos da paixão nos evangelhos revelam a “farsa”, a ilusão de se achar que exista algo de intelectual e espiritualmente digno de fé no fenômeno do “bode expiatório”, de um morrer por todos, *sem motivo, sem culpa!* O religioso arcaico, segundo Girard, caracteriza-se justamente por não desmitificar seus próprios bodes expiatórios.
- c) Todos os mitos apresentam sua única vítima, seu “bode expiatório”, como realmente culpado, ou seja, os mitos confirmam a acusação que justifica o sacrifício da vítima. Mesmo que a vítima seja posteriormente divinizada devido o apaziguamento que o seu sacrifício trouxe para a convivência grupal, não se descobre ou reconhece o erro e a mentira que justificaram a violência coletiva. Os evangelhos fazem questão de apresentar Jesus como vítima inocente e o seu julgamento como uma farsa. Basta ler atentamente o longo relato da presença de Jesus na casa de Anás, sogro de Caifás, o sumo sacerdote (Jo 18,12-27), que afirmara: “*É conveniente que um só homem morra pelo povo*” (v. 14)¹⁹; e o interrogatório de Jesus por Pilatos (Jo 18,28–19,16), onde o procurador romano é apresentado como alguém que não crê na culpa da vítima (Jesus): “*Eu não encontro nele nenhum motivo de condenação*” (Jo 18,38; cf. Jo 19,4.6). Por três vezes essa frase é posta na boca de quem julgava Jesus! Inclusive, o próprio povo chega a assumir declaradamente a culpa pela morte de Jesus (o “bode expiatório”): “*Pilatos viu que nada conseguia e que poderia haver uma revolta. Então mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão, e disse: ‘Eu não sou responsável pelo sangue deste homem. A responsabilidade é vossa!’ O povo todo respondeu: ‘Que o sangue dele recaia sobre nós e sobre nossos filhos’*” (Jo 19,24-25).

Esse ato de inocentar o “bode expiatório” não é exclusivo dos evangelhos, pois já se faz notar na Bíblia Hebraica, a qual os “reabilita”, no dizer de Girard²⁰:

18. *Ibid.*, p. 101.

19. Todas as citações bíblicas deste artigo são extraídas de: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB. 3 ed. rev. Brasília (DF): CNBB, 2006.

20. Cf. GIRARD, René. *Op. cit.*, p. 103.

- José é o “filho da velhice” (Gn 37,3) de Jacó, torna-se vítima dos ciúmes de seus irmãos: “*Os irmãos, percebendo que o pai o amava mais do que a todos eles, odiavam-no e já não podiam falar-lhe pacificamente*” (Gn 37,4). Certa feita, seus irmãos tramam matá-lo: “*Vamos matá-lo e lançá-lo numa cisterna. Depois diremos que um animal feroz o devorou. Assim veremos de que lhe servem os sonhos*” (Gn 37,20); mas o irmão mais velho, Rúben, não permite que o sangue do irmão seja derramado por causa da inveja: “*Não derrameis sangue. Lançai-o naquela cisterna no deserto, mas não levanteis a mão contra ele*” (Gn 37,21). A intenção dele era salvar José e devolvê-lo ao pai. No entanto, Judá, um dos irmãos, teve uma ideia que isenta o grupo de sujar suas mãos com o sangue de José e, ainda por cima, traz uma vantagem a todos: “*Judá disse aos irmãos: ‘Que proveito teríamos em matar nosso irmão e ocultar o crime? É melhor vendê-lo a esses ismaelitas. Não levantemos contra ele nossa mão, pois ele é nosso irmão, nossa carne’*” (Gn 37,26-27). Na fala deste irmão fica clara a consciência do grupo de que está fazendo algo errado, dirigindo contra sua “própria carne” o ódio, a inveja. Mas José, após uma vida de sucesso no Egito, encontra-se com seus irmãos, perdoa-os e interpreta a sua saga como sendo um plano providencial de Deus: “*Entretanto, não vos aflijais, nem vos atormenteis por me terdes vendido a este país, pois foi para conservar-vos a vida que Deus me enviou à vossa frente*” (Gn 45,5). José percebe que o remorso, a culpa e o medo estão presentes nos corações de seus irmãos, mas alivia-os.
- Outro “bode expiatório” que é reabilitado pela Bíblia é Jó. O mesmo Deus que concede permissão para que satanás provoque a desgraça na vida de Jó (“*Então o Senhor disse a satanás: ‘Pois bem, tudo o que ele possui está a teu dispor. Contra ele mesmo, porém, não estendas a mão’*”. E Satanás saiu da presença do Senhor” – Jó 1,12), é o mesmo que lhe restitui em dobro tudo aquilo que lhe foi tolhido: “*Então o Senhor mudou a sorte de Jó, quando este intercedeu por seus amigos, e restituiu-lhe todos os bens, o dobro do que antes possuía*” (42,10).
- Os salmistas, em geral, são “bodes expiatórios”, ou seja, pessoas perseguidas, incompreendidas, à espera do linchamento. Por isso, temos vários salmos de lamentação, súplica a Deus para que livre o salmista da perseguição.

No processo de vitimização do “bode expiatório” o papel da multidão é central, segundo a teoria girardiana. É ela que se mobiliza contra a vítima que é, sempre, considerada culpada. Nos evangelhos, a multidão também desempenha um papel central; no entanto, ela não é coesa, não é unânime. Há uma minoria dissidente que faz toda a diferença.

Por mais precária e fraca que seja essa pequena minoria, ela é a voz autêntica do cristianismo que será reprimida, asfixiada, mas nunca inteiramente eliminada. O futuro lhe pertence e logo ela desacreditará para sempre toda

a mitologia. A pequena minoria evangélica vai ensinar aos homens não somente a inocência da vítima excepcional que é Jesus, mas a inocência relativa de todos os bodes expiatórios da história humana. Essa voz, mesmo malcompreendida, mesmo deformada, destruiu para sempre a credibilidade das religiões míticas e desencadeou a maior revolução cultural da história humana²¹.

3. Sacrifício na perspectiva bíblica²²

Na Bíblia Hebraica encontramos os seguintes termos para “sacrifício”: *zebah*, *minḥah*, *mattanah*, *qorban*. Em grego (versão grega da Septuaginta e Novo Testamento) encontramos as palavras: *doma*, *dōron*, *thysia*. É de se notar que a Bíblia Hebraica não emprega uma só palavra para exprimir a realidade do sacrifício, mas várias expressões dependentes do contexto e, muitas vezes, inteligíveis somente a partir da análise deste. “Com exceção de *zebah*, ‘imolação’, vocábulo que designa por vezes o culto sacrificial de um modo geral e impreciso (2Rs 10,19), o hebraico não possui termo genérico que se aplicaria indistintamente a todos esses sacrifícios”²³. As demais palavras são mais descrições das formas rituais dos sacrifícios.

As tradições sacerdotais são as que mais se ocupam desse tema. Basta conferir Ex 25–40; Lv (sobretudo os capítulos 1 a 7) e Nm 5,11-31. Os principais tipos de sacrifícios, em resumo, são²⁴:

- a) Holocausto** (em hebraico: *olah*; lit., “oferta ascendente”, cf. Lv 1; 6,8-13). Poderiam ser oferecidos animais como: touro, ovelhas, cabras ou pássaros como pomba ou pombo. A característica definidora deste sacri-

21. GIRARD, René. *Op. cit.*, p. 104-105.

22. Para uma visão mais ampla de sacrifício: na Bíblia Hebraica; no Novo Testamento e no judaísmo pós-bíblico; no cristianismo primitivo e na literatura rabínica; na Alta Idade Média; na liturgia judaica e cristã, bem como na filosofia moderna, pode-se consultar, entre outras, uma recente e bem atualizada obra: HOUTMAN, Alberdina et alii (Eds.). *The actuality of sacrifice: past and present*. Leiden; Boston: Brill, 2014 (Jewish and Christian Perspectives Series v. 28).

23. LIPÍŃSKI, Édouard. Sacrifício. 1. O AT. In: CENTRO: “INFORMÁTICA E BÍBLIA” ABADIA DE MAREDSOUS. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola; Paulinas; Paulus; Academia Cristã, 2013, p. 1192; VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003, p. 453-492.

24. GILDERS, William K. Sacrifice in Ancient Israel. In: SOCIETY OF BIBLICAL LITERATURE. *Teaching the Bible: An e-newsletter for public school teachers*. Atlanta (GA): SBL, s/d. Disponível em: <www.sbl-site.org/assets/pdfs/TBv2i5_Gilders2.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2016. Conferir também: GORMAN, Frank H. Sacrifices and Offerings. In: SAKENFELD, Katharine Doob (Ed.). *The New Interpreter's Dictionary of the Bible S-Z*. Volume 5. Nashville (TN): Abingdon Press, 2009, p. 20-32.

- fício era que todo o animal ou ave era queimado no fogo sobre o altar. Foi, por conseguinte, o sacrifício mais extravagante.
- b) Oblação** (em hebraico: *minḥah*; literalmente: “presente”; cf. Lv 2; 6,14-23). Era uma oferta de farinha ou assados sem fermento, misturado com óleo. Uma parte da oferta era queimada (com incenso) no fogo sobre o altar. O restante era destinado aos sacerdotes.
- c) Sacrifício de Comunhão** (em hebraico: *zebah šelamim*; cf. Lv 3; 7,11-35). Um rebanho ou bando de animais poderia ser oferecido. Entranhas (gordura, rins e parte do fígado) eram queimadas no fogo sobre o altar. A maioria do animal era comida, dividida entre os sacerdotes e o ofertante. Este sacrifício foi, portanto, associado à festa. Como o nome sugere, ele tinha um caráter fortemente positivo.
- d) Sacrifício pelo pecado/purificação** (em hebraico: *ḥaṭṭa’at*; Lv 4,1-5,13; 6,24-30). Esta oferta sacrificial lidava com várias formas de perturbação na relação entre os seres humanos e Deus. O tipo específico de oferta dependia da identidade e qualidade da pessoa que o solicitava. O sumo sacerdote, por exemplo, tinha que trazer um touro, enquanto israelitas comuns traziam uma cabra ou cordeiro; aqueles que eram demasiado pobres para pagar uma cabra ou ovelha poderiam oferecer aves; uma oferta de grão de farinha era aceitável da pessoa muito pobre. No caso dos animais, vísceras eram queimadas no fogo do altar; o resto do animal era, por vezes, comido por sacerdote; às vezes destruídas por incineração longe do povoamento.
- e) Sacrifício de reparação** (*’ašam*; lit., “responsabilidade”; cf. Lv 5,14-6,7; 7,1-10). Esta oferta lida com categorias distintas de ofensas e pecados que interromperam o relacionamento divino-humano, por exemplo, profanação intencional de coisas sagradas. O sacrifício prescrito era um animal do rebanho. Tal como acontece com o sacrifício de comunhão e de reparação pelo pecado, vísceras eram queimados no fogo do altar; a carne do animal era comida pelos sacerdotes.

Em comum, estes cinco tipos de sacrifícios possuem o hábito de se queimar uma parte da vítima sobre o fogo do altar. Isso ocorria, para que se produzisse uma fumaça, que era considerada um “*agradável odor*” a Deus, como aparece em Ex 29,17-18: “Esquartejarás o carneiro e, depois de lavar as vísceras e as patas, colocarás isto sobre os outros pedaços e a cabeça, e queimarás todo o animal sobre o altar. É um holocausto ao Senhor, de *agradável odor*, uma oferta queimada ao Senhor”.

No entanto, o movimento profético irá, desde cedo, observar o caráter meramente formalista dos sacrifícios. A incoerência entre gesto sacrificial e comportamento cotidiano do povo – sua ética – é criticada por vários profetas. O grande risco, observado pelos profetas, era o povo conformar-se com o ritual exterior das

oferendas, com a liturgia sacrificial, pensando que eles o salvaguardariam de praticar as exigências que a aliança com Deus colocava ao seu povo, especialmente a prática da justiça (*šedaqah*). Dois textos da Bíblia Hebraica são bem expressivos a esse respeito:

1Sm 15,22: *Samuel, porém, replicou: “O Senhor, o que quer? Holocaustos e sacrifícios, ou obediência à sua palavra? A obediência vale mais que o sacrifício, a docilidade mais que oferecer gordura de carneiros.*

Jr 7,21-23: *Assim diz o SENHOR dos exércitos, o Deus de Israel: “Ajuntai vossos holocaustos com os outros sacrifícios e comei essas carnes, pois não foi disso que falei a vossos pais, não lhes dei qualquer ordem sobre holocaustos e sacrifícios, quando os fiz sair da terra do Egito! Pois esta, sim, foi a ordem que lhes dei: Dai ouvidos à minha palavra, e serei um Deus para vós e vós sereis um povo para mim. Andai pelos caminhos que vos ordenei para serdes felizes”²⁵.*

O enfoque está na “escuta” (verbo hebraico: *šema‘*) da palavra de Deus, que é o mesmo de “obedecer” a Deus. O profeta Oseias é aquele que conseguirá sintetizar melhor essa abordagem ao colocar na boca de Deus: “*Eu quero amor (hesed) e não sacrifícios, conhecimento de Deus e não holocaustos*” (Os 6,6). Portanto, fica estabelecido o primado da misericórdia e do amor sobre o sacrifício.

Essa passagem de Oseias é retomada pelo evangelho segundo Mateus em duas ocasiões: 1^a) diante do escândalo dos fariseus pelo fato de Jesus frequentar a casa de um publicano, logo após tê-lo convidado a se tornar um de seus discípulos, ele afirma: “Tendo ouvido a pergunta, Jesus disse: Não são as pessoas com saúde que precisam de médico, mas as doentes. Ide, pois, aprender o que significa: *Misericórdia eu quero, não sacrifícios*. De fato, não é a justos que vim chamar, mas a pecadores” (Mt 9,12-13); 2^a) ao ser indagado pelos fariseus a respeito da desobediência de seus discípulos que colhem espigas mesmo sendo dia de sábado, Jesus, entre outras coisas, dirá: “Se tivésseis chegado a compreender o que significa, ‘*Misericórdia eu quero, não sacrifícios*’, não condenaríeis inocentes” (Mt 12,7)²⁶. Coerente com essa posição, quando perguntado sobre qual seria o maior de todos os mandamentos da lei judaica, Jesus afirma: “O primeiro é este: ‘Ouve, Israel! O Senhor nosso Deus é um só. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com toda a tua força’ (cf. Dt 6,5). E

25. Além dessas passagens citadas, confira a respeito: Is 1,10-20; 29,13; Jr 6,20; 7,1-15; 14,12; Os 8,11-13; Am 4,4-5; 5,21-27; Mq 6,6-8.

26. Interessante notar que Mateus é o único evangelho e escrito seja do Novo Testamento como dos primeiros dois séculos da era cristã que utilizará essa passagem de Os 6,6; segundo STANDAERT, B. “Misericordia voglio” (Mt 9,13 e 12,7). *Parola, Spirito e Vita*. Bologna: EDB, v. 29, p. 110, 1994 apud BIANCHI, Enzo. “Se comprendêsseis o que significa: ‘quero misericórdia e não sacrifícios’”. *CONCILIUM – Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis (RJ): Vozes, n. 352, 2013/4, p. 118.

o segundo mandamento é: ‘Amarás teu próximo como a ti mesmo’ (cf. Lv 19,18). Não existe outro mandamento maior do que estes” (Mc 12,29-31 e paralelos).

Ao unir esses dois mandamentos fundamentais, Jesus opera uma inovação sem paralelo no judaísmo até aquele momento. O evangelho segundo João denominará essa nova síntese de *mandamento novo*: “Eu vos dou um novo mandamento: *amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros*” (Jo 13,34; cf. 15,12). O modo de amar de Jesus torna-se paradigma para o amor ao próximo que já era prescrito pela lei judaica, mas não com essa intensidade e como gesto distintivo da chegada de novos tempos: “*Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*” (Jo 13,35). Aqui se dá a “passagem da Torá para o amor, ou melhor, a capacidade própria de Jesus de fazer do amor a chave para a compreensão autêntica do patrimônio da Lei, portanto também da economia sacrificial que a Lei exprime”²⁷.

4. Em Jesus temos a verdadeira e única vítima

Jesus, ao morrer na cruz, ao permitir deliberadamente que o inocente ocupe o lugar da vítima, subverte todo o sistema sacrificial que existia até então. Com isso, ele torna possível aos seres humanos voltarem a conviver com harmonia, em comunhão e paz sem necessidade de novos sacrifícios. Apesar de não ser um sacrifício, no sentido bíblico e antropológico-cultural típicos daqueles tempos, o homicídio de Jesus torna-se o único e verdadeiro sacrifício. Como? Por ser uma nova realidade, a qual mostra que o fundamento de todos os outros sacrifícios é uma farsa.

Jesus não se oferece a um Pai que tem necessidade de ser acontentado, apaziguado ou “convencido” da fidelidade humana. As vítimas litúrgicas, rituais não deixavam de ser um “desvio” da vida cotidiana, da vida real. Em Jesus se dá algo novo, totalmente diferente. O sacrifício realizado por Jesus não é litúrgico, mas antropológico, ético: “...o verdadeiro sacerdote, Jesus, realizou o único sacrifício verdadeiro (que não era cúltico), efetuando assim uma mudança em quem nós somos no nível antropológico”²⁸. Ele é a *vítima divina autodoadora*²⁹. Seus seguidores participam nesta autodoação de Jesus pelos outros, a qual não é fruto do pavor ou do medo, mas do amor. Não é uma carne, ou sangue, ou alimento ou animal que se oferece, mas a vida inteira do inocente conscientemente vitimado.

Paulo foi, sem dúvida, um dos que melhor compreenderam essa novidade sacrificial trazida por Jesus. Em Rm 12,1 isso se torna claro: “Eu vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecerdes vossos corpos em

27. BIANCHI, Enzo. *Op. cit.*, p. 119.

28. ALISON, James. Nós não inventamos o sacrifício, o sacrifício é que nos inventou: Desembrulhando a intuição de Girard. *CONCILIUM – Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis (RJ): Vozes, n. 352, 2013/4, p. 58.

29. *Ibid.*, p. 58.

sacrifício (*thysia*) vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso verdadeiro culto (*logikê latreia*)”.

O que entende o Apóstolo com a expressão “oferecer os vossos corpos”? No pensamento paulino isto não significa oferecer uma das componentes do ser humano, ou seja, o corpo em oposição à alma ou ao espírito, mas o ser humano inteiro em relação com os outros. Para Paulo o ser humano não tem um *sôma*, um corpo, mas é o seu corpo: o Apóstolo está, portanto, convidando cada cristão a oferecer toda a sua existência em sacrifício³⁰.

Assim como Jesus fez, no seguimento de Jesus o cristão oferece a Deus a sua existência inteira, ou seja, o seu pensar, o seu sentir, o seu falar e o seu agir como “sacrifício”. Portanto, o culto verdadeiro (*logikêlatreia*) ou “espiritual” consiste, justamente, em consumir, dar, oferecer a vida a Deus e aos irmãos e irmãs. O evangelho segundo João expressa essa realidade de maneira muito clara no encontro de Jesus com a samaritana: “*Mulher, acredita-me: vem a hora em que nem nesta montanha, nem em Jerusalém adorareis o Pai. [...] Mas vem a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade.*” (Jo 4,21.23). O culto autêntico, segundo Jesus, não está circunscrito a um determinado local ou espaço sagrado, não é um culto fechado, mas fundamenta-se em viver segundo o Espírito Santo³¹ e a Verdade, que é Jesus: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*” (Jo 14,6).

Por conseguinte, o culto cristão “como sacrifício do próprio corpo se concretiza no viver, no relacionar-se com os outros, no realizar a vontade de Deus na companhia dos seres humanos, na história, na *polis* da qual os cristãos são habitantes”³².

Evidentemente, com isso a liturgia da Igreja não fica sem importância ou sentido; pelo contrário, ela é mais valorizada ainda que nas tradições cálticas antigas por não se reduzir a um mero rito exterior e substitutivo, mas se torna a expressão de toda uma vida, de toda uma existência. Como, aliás, o Concílio Ecu-mênico Vaticano II já soube reconhecer ao afirmar: “A liturgia é o cume (*culmen*) para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte (*fons*) donde emana toda a sua força” (*Sacrosanctum Concilium*, 10). A liturgia cristã é viva: inicia-se, celebra-se e converge, novamente, para a vida, para o real da existência humana.

Jesus não realiza ritos, não se preocupa com normas, mas com a vida!

30. BIANCHI, Enzo. *Op. cit.*, p. 120.

31. O adjetivo *logikós*, de onde vem *logikê*, pode ser interpretado como *logos* e, em João, o *Logos* é Palavra de Deus (cf. Jo 1,1).

32. BIANCHI, Enzo. *Op. cit.*, p. 122.

Concluindo

Por tudo aquilo que foi apresentado neste artigo, o leitor já deve ter se dado conta que a perspectiva hermenêutica adotada neste número de *Estudos Bíblicos* busca, concomitantemente, *recuperar* o verdadeiro sentido de “sacrifício” segundo a ótica cristã e *contradizer* as novas e deturpadas interpretações que se tem oferecido para essa questão no cristianismo atual.

Constata-se atualmente uma tendência a praticar-se o culto cristão (católico, evangélico e [neo]pentecostal) com uma conotação mais veterotestamentária do que cristã! A pessoa é vista como “culpada”, de alguma forma, pelas coisas ruins que lhe acontecem. Por isso, tal pessoa necessita fazer seus “sacrifícios”, suas “ofertas” para livrar-se de tudo isso. A “teologia da retribuição” contestada pelos profetas, por parte da literatura sapiencial e pelos evangelhos é retomada e sutilmente aplicada em várias pregações e práticas tanto celebrativas quanto pastorais. E, pior ainda, há um uso consciente e pernicioso do sentimento de culpa dos indivíduos por parte de líderes religiosos das mais variadas denominações a fim de levá-los a práticas de “reparação” que desvirtuam o princípio misericordioso de Deus como apresentado pela Bíblia.

O “culto verdadeiro” a Deus parece enfrentar, hodiernamente, a concorrência de uma prática religiosa mais intimista, mais voltada para o indivíduo, para as suas necessidades e anseios do que para uma ética social.

Antes de finalizar, não poderíamos omitir um retrocesso litúrgico na Igreja Católica romana. A eucaristia volta a ser vista mais como celebração do sacrifício de Cristo do que memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus! O aspecto fundamental da oferenda da vida, de toda a existência da pessoa e da comunidade é relegado a um plano inferior. Sacrifício como autodoação de amor em prol de outros é uma dimensão, praticamente, esquecida!

Portanto, este é um assunto mais atual e necessário do que possamos imaginar!

Telmo José Amaral de Figueiredo
Rua Antônio Arantes, 110 – Vila Progredior
05615-050 São Paulo, SP
e-mail: telmofig@terra.com.br
blog: <http://padretelmofigueiredo.blogspot.com.br>